

LINGUAGEM E MEMÓRIA: SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO EDUCATIVO, CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA DE FRANÇOISE DOLTO

Gilmara Barbosa de Jesus – UEG.

Douglas Auto da Silva – UEG.

Resumo: O presente trabalho sobre a linguagem e memória em Françoise Dolto apresenta ideias dessa psicanalista sobre as formas de conceber a infância e a educação na sociedade. Ela investiga a relação das crianças com os adultos, do professor com o aluno, todo o seu meio social, bem como a capacidade de se expressar e relacionar diversas formas de linguagem para a compreensão de contextos e de situações que estão aquém da lógica adulta. Dessa forma, analisamos o conceito de infância que a autora desenvolve em seus textos a partir de suas peculiaridades em torno da memória e da linguagem, enfatizando essa última como fator primordial para desenvolvimento psíquico da criança. Para a autora a criança é o espelho do meio em que vive, e esse meio e particular promove o seu desenvolvimento e sua “suposta” autonomia, assim e através do meio que a criança desenvolverá suas compreensões do mundo e de tudo o que lhe for ensinado.

Palavras chaves: Linguagem. Memória. Infância.

Introdução

Quando falamos de criança, discorremos sobre algo que nos parece aprendido/sabido desde sempre. Os conceitos relativos à infância e à forma como nós lidamos com ela nos parecem como algo que sempre existiu, não percebemos sua historicidade, construída lentamente no decorrer da História Ocidental. Não percebemos que as referências atuais são a culminância de um longo processo de construção simbólica. Em nosso imaginário a infância é um período fundamental para a formação do ser humano, em sua *História social da Criança*, Philippe Ariès, argumenta que esse dado não é natural, mas fruto de longa elaboração na modernidade.

Ariès (2006) argumenta que na Idade Média a criança era entendida como um adulto em miniatura, totalmente dependente, sem autonomia era desprovida de identidade. Não havia diferenciação da criança para o adulto, era apenas sua forma reduzida. A ideia de infância é um legado da modernidade, seu surgimento é concomitante com o desenvolvimento industrial. Entretanto, não se trata de um evento instantâneo, mas instaurado na longa duração. Já que envolve, mudanças comportamentais e o surgimento de saberes especializados. Neste sentido, a psicanálise tem produzido, desde a obra de Sigmund Freud e, principalmente de sua filha, Ana Freud, uma reflexão peculiar sobre a formação da personalidade dos indivíduos, ainda na infância.

Nesta comunicação, buscamos entender um momento intelectual na História da Psicanálise, tendo

em vista os escritos de Françoise Dolto.

Dolto (2007) concebia a criança como um ser dotado de desejos, possuidora de direitos e liberdade, para desenvolver plenamente suas potencialidades de compreensão como sujeito. O processo educativo levará a criança a desenvolver enfrentando os obstáculos e conhecendo seus próprios instintos sem tornar-se prisioneira dos mesmos.

A autora diz que diz que “[...] seja qual for o ser humano, seja qual for seu nível de idade ou seu nível de comportamento, e sempre um ser inteligente, animado em todos os instantes de seu estado de vigília por sua função simbólica e sua memória” (2005). Ela ainda diz que a infância é o período que mais conta para o desenvolvimento da pessoa, apesar de que as pessoas depois de adultas camuflam a criança que vive em seu interior.

As experiências sociais coercionam os indivíduos para que estes se adequem as expectativas dos grupos nos quais eles se inserem, neste contexto espera-se que o adulto abandone comportamentos ditos infantis. “[...] para nos estruturarmos como adultos, somos obrigados a reprimir tudo aquilo que é próprio da infância”. (DOLTO, 2005, p.178). Com isso tratamos nossas crianças como se adultos fossem, não levando em conta as particularidades que essa fase pode influenciar no desenvolvimento dela.

A criança vive num mundo de cultura e linguagem que a antecede, torna-se fundamental para desenvolver-se livre o acesso dos mesmos. No período da infância ela irá se apropriar de mecanismos que contribuirão para o seu desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional. “[...] **Afetividade e inteligência são assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana** (grifo nosso)”. (COSTA, 2000, p. 15)

Inicialmente a mãe tem um papel decisivo para o desenvolvimento afetivo e do caráter da criança, o meio familiar põe a prova os mais poderosos sentimentos como o amor e o ódio, comprometendo a criança no processo de afirmação de si mesma.

Assim como Dolto, outros autores também estudam os processos da linguagem inclusive Lev Vygotsky que em alguns de seus livros afirma que a linguagem e o pensamento se interagem, constituindo como um processo de internalização, do exterior para o interior, não podendo ser descoberta sem o pensamento. Para ele a sociedade oferece diversas interações sociais com objetos de aprendizagem, que acabam mostrando relações de interesse entre as pessoas e o meio, servindo assim de mediação para a aprendizagem.

Nesse sentido esse trabalho irá reforçar a importância do processo da linguagem e da memória, a função dos atores que compõem todo o ciclo emocional da criança, enfatizando que as

peças que convivem com em seu meio devam considerar que ela estará depositando no seu inconsciente emoções que serão retomadas em atitudes no decorrer de toda sua vida.

Linguagem e Memória

Ao estudar por meio das noções psicanalíticas a linguagem da criança, Dolto percebe a necessidade de estudar os pais das crianças. Para a autora ela é o espelho do meio em que vive, e esse meio em particular promove o seu desenvolvimento e sua “suposta” autonomia. Suposta, pois não lhe possibilitam expressar-se por completa, ou seja, “ouvir” o que a criança tem a dizer”. Ao pensar a escola, Dolto observa as seguintes indagações: “alfabetizar alguém. Quando? Como? Por que fazer isso?”, criticando assim de certa forma os métodos no processo de alfabetização, mas que ainda assim, segundo ela abrirá o caminho da cultura.

Nascida em 1908, Françoise Marett era de família burguesa sendo a quarta filha de sete irmãos. Em sua infância, durante o nascimento do seu sexto irmão, percebe os conflitos e os mal-entendidos existentes na família e nas pessoas em geral. Ela começa a observar tudo a sua volta, tira conclusões que as levará para toda sua vida, inclusive na sua profissão ao trabalhar com crianças, reforçando, dessa forma o desejo de ser “médica da educação”.

Quando sua irmã mais velha faleceu, viu a realização de seu sonho ficar em segundo plano, pois ela nesse momento era a única filha mulher e sua família lhe pediu para que deixasse os estudos de lado para se dedicar a família.

Com o passar dos anos, aproveitando que seu irmão menor estava pronto para os estudos, matricularam-se os dois na faculdade de medicina, onde assim, iniciou a retomada dos estudos buscando a realização de seu desejo de ser “médica da educação”. Nesse período ela começou a trabalhar como médica de família e posteriormente pediatra. Em 1942 casa-se com o também doutor Boris Ivanovitch Dolto, um especialista em reumatologia, dessa união nasceram três filhos.

Com suas lembranças de uma infância dolorosa, levaram-na à reflexão, compreensão e construção de suas teorias, juntamente com Jacques Lacan e outros, também psicanalistas fundaram a Sociedade Francesa de Psicanálise. Após serem excluídos da Associação Internacional de Psicanálise, Dolto e Lacan se unem para a construção do Colégio Freudiniano de Paris, que tinha como objetivo primeiro, auxiliar pais e educadores, visando melhor criação e desenvolvimento da criança. Apesar de lutarem juntos por novos ideais e envolvidos em movimentos psicanalísticos, elaborou suas próprias teorias, sempre engajada com a problemática do desenvolvimento das crianças com uma visão psicanalista, mas com enfoque psicopedagógico em prol de uma educação

popular.

Para formar sua teoria, utilizou alguns dos conceitos freudiano e lacaniano. Suas pesquisas tentam fazer com que a criança se situe bem dentro de seu esquema e imagem corporal. Sendo assim, a “castração simbólica”, marcas que ficarão ao fim do seu estágio de desenvolvimento. Segurança, narcisismo e imagem de si, juntos contribuem sobre uma boa estrutura maternal em prol do desenvolvimento da criança.

Dentro do grande pensamento de Dolto, podemos ressaltar os que tiveram maior influência para a educação. Levando sempre em consideração o universo infantil, por volta de 1967 ela cria um programa de rádio onde responde de forma direta as perguntas de pais e de ouvintes em geral, dúvidas acerca da criação e da educação das crianças. Como consequência veio à fama levando-a a ficar muito popular dentre os psicanalistas franceses. Em consequência disso, em 1979 Dolto funda a La Maison Verte, “Casa Verde”, que era uma instituição que recebia crianças desde o nascimento até por volta dos quatro anos, tinha como função a socialização e preparação para a convivência no mundo externo, ou seja, em sociedade: "Um espaço de encontro e acolhimento para todas as crianças que não seria nem médico, nem pedagógico, nem psicoterápico, mas essencialmente atrativo, vivo" (Dolto, 1977/2009 a, p. 110). Ela concebia a criança mesmo em tenra idade possuidora de inteligência plena das coisas a sua volta, sendo sujeito de si mesma, mesmo estando na posição de infante, desprovido de fala, pode compreender o que se passa em sua volta, afirmando que um adulto deve falar, conversar com ela, pois, essa ação poderá trazer benefícios para seu desenvolvimento e até ter efeitos terapêuticos: "respeitada, escutada, acolhida como um ser de desejo capaz de *se exprimir*" (Dolto, 1977/2009a, p. 112, grifo da autora).

Dolto também tinha o propósito de tentar prevenir a criança de sofrimentos decorrentes da vida em sociedade, por isso ela afirma: "Parece-nos agora que está aí a melhor das profilaxias das neuroses infantis e da violência adaptativa, sofrida ou agida, de crianças pequenas à sociedade" (Dolto, 1980/2009b, p. 216). A medida que a criança cresce passará por diversas experiências, armazenadas em sua memória, os estados emocionais dela poderão marcar sua vida e prejudicar seu desenvolvimento intelectual, emocional e psicológico.

Para ela a criança deve crescer como sujeito de suas ações, tentando sempre alcançar seus desejos, mas ela também afirma que não se deve utilizar essa ideia com o objetivo de deixá-la livremente sem nenhuma barreira, sendo importante que as vezes a criança encontre obstáculos, esbarre no desejo do outro, aprendendo assim a respeitar os limites dela e o espaço do próximo.

Mas a principal teoria por ela trabalhada foi a “imagem inconsciente do corpo” que segundo ela era “a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante” (Dolto, 1984), a criança seria moldada conforme o meio em que vivia. Espelho da sociedade e sendo um sujeito de linguagem, ela trazia na memória tudo experienciado até aquele momento. Dolto (2005) afirmava também que ao nascer a criança já trazia toda uma carga de lembranças dos seus ancestrais incluídas nela, a memória não era totalmente limpa, não era como ela dizia: “virgem”, o que nos leva a lembrar da teoria de Piaget. A base dessa teoria se dá por meio da linguagem e principalmente da comunicação, da relação de troca um para o outro, marcando a memória da criança na medida em que ela estrutura sua identidade.

A autora considera a memória inconsciente formada por (vivências externas) experiências externas, fator importante para a construção de uma imagem, auto-imagem que levará o indivíduo a formar sua personalidade e desenvolvimento.

A imagem é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-relacionais, repetidamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas e atuais. É a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora. (DOLTO, 2001: p. 14-15)

Também defendia que a imagem inconsciente do corpo tem uma grande importância para a formação da identidade do eu, sendo a imagem do espelho apenas uma forma conhecida de si, especular, um reflexo. Ela é segundo Dolto um substrato relacional da linguagem ligado a identidade. “[...] o corpo é ao mesmo tempo uma parte inconsciente do eu e o lugar de onde o sujeito pode dizer: “eu” [...]” (DOLTO, 2008, p. 12).

Utilizava como método para trabalhar com as crianças que recebia, seja para análise ou na “Casa Verde” ou para depoimentos em seu programa de rádio, utilizava de desenhos ou modelagens feitos pelas crianças, ela não procurava interpretá-los, dizia ser um erro tentar entender o que elas queriam dizer com seus desenhos, o correto seria pedir para a criança explicar o que desenhou e onde ela está inserida no referido desenho, onde ela se situa ali. Assim poderá visualizar qual a noção de imagem de si mesma, seu eu e sua identidade naquele momento.

É uma linguagem diferente da falada. O desenho é uma estrutura do corpo que a criança projeta e com a qual ela articula sua relação com o mundo. Quero dizer que por intermédio do desenho a criança espaço - temporaliza sua relação com o

mundo. Um desenho é mais que um equivalente de um sonho, é em si mesmo um sonho, ou se você prefere, um fantasma tornado vivo. O desenho faz existir, concretamente, a imagem inconsciente do corpo em sua função mediadora (DOLTO, 2001 p. 28).

Em relação a sua obra, ressaltamos alguns livros em português e que utilizamos para a construção desse trabalho: *As Etapas Decisivas da Infância*, Ed. Martins Fontes; *Destinos de Criança*, Ed. Martins Fontes; *Quando os Pais se Separam*, Ed. Zahar; *Quando os Filhos Precisam dos Pais*, Ed. Martins Fontes; *A Criança do Espelho*, Ed. Zahar; *A Causa das Crianças*, Ed. Idéias e Letras; *Imagem Inconsciente do Corpo*, Ed. Perspectiva; *Tudo é Linguagem*, Ed. Martins Fontes; *Psicanálise e Pediatria*, Ed. Zahar; entre outros.

É nesse momento que percebemos o grande legado do pensamento de Dolto, a construção dessa identidade da criança que ocorre no processo da aquisição da linguagem por meio da memória, sendo como principal responsável o meio social, pois é ele que traz toda uma gama de informações, uma chuva de experiências que a criança levará por toda sua vida. Através da linguagem as pessoas conseguem desenvolver suas percepções, representar tudo que está na memória, por em prática tudo que está armazenado, modelando comportamentos, refletindo sobre a realidade e agindo sobre ela, como sujeito de suas ações.

REFERENCIA

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- COSTA, Maria Luiza Andreozzi. Piaget e a Intervenção Psicopedagógica. São Paulo: Olho D'água, 2000.
- D'ANDREA, Flavio Fortes. Desenvolvimento da Personalidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- DOLTO, Françoise. Psicanálise e pediatria. Edição 4ª. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- _____ e NASIO, Juan-David. A criança do espelho. Porto Alegre: Zahar, 1008.
- _____ e HAMAD, Nazir. Destinos de crianças. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. Tudo é linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. As etapas decisivas da infância. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. A imagem inconsciente do corpo. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. As sensações cenestésicas de bem-estar ou mal-estar, origens de sentimentos de culpa. In: DOLTO, Françoise. No jogo do desejo: ensaios clínicos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- _____. Quando os pais se separam. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. Quando os filhos Precisam dos Pais. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- _____. A Causa das Crianças. 3 ed. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.
- _____ . La Maison Verte. Un lieu de rencontre et loisirs pour les tout-petits avec leurs parents. In: DOLTO, Françoise. Une psychanalyste dans la cité: l'aventure de la Maison Verte. Paris: Gallimard, 2009.
- DOSSE, François. História do estruturalismo. São Paulo: Edusc, 2007.
- VYGOTSKY, Lev. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.
- _____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.